

Ode XXII do Livro III de Horácio

(Esboço de análise segundo a óptica formalista)

Maria do Céu Novais de Faria

N.B. Abstenho-me de qualquer análise de tipo fonético, que considero artificial tratando-se de latim, língua sobre cuja pronúncia não temos certezas tão certas que me permitam penetrar nesse campo com um mínimo de segurança. Quanto ao(s) ritmo(s) que eventualmente seria lícito imprimir a uma leitura em voz alta do poema (além da normal sucessão de longas e breves que o próprio metro adoptado implica), as dificuldades surgem-me com maior agudeza ainda. Em vez de "inventar" tudo isso que ignoro no poema, limito-me a escandir e classificar os seus versos e a tentar, depois, uma descrição morfossintáctica da ode, com algumas implicações de natureza semântica. É certo que considero e sinto que, muitas vezes, há elementos de ordem fonética (aliterações, onomatopeias, etc.) e rítmica tão evidentes, que uma análise nesses domínios me parece possível. É o caso, por exemplo, de tantos passos de Virgílio. Mas, nesta ode, onde os scélicos menores e os adónicos são imperturbavelmente iguais, e onde do ponto de vista acústico nada me chama a atenção, prefiro abster-me de afirmações ou de hipóteses arriscadas de mais.

Segue-se o poema:

Montium custos/nemorumque uirgo,

Quae laborantes/utero puellas

Ter uocat(a) audis/adimisque lecto,

Diva triformis,

Imminens uillae/tua pinus esto,

Quam per exactos/ego laetus annos

Verris obliquum/meditantis ictum

Sanguine donem.

A ode é constituída por duas estrofes curtas, formadas cada uma, por três versos pentâmetros (sáfico menor), seguidos de um adônico. Os sáficos têm, como é normal, uma cesura semiquinária masculina.

O poema integra 34 palavras (incluindo por duas vezes a enclítica -que, ambas na 1ª estrofe - v.1 e v.3 - num e noutra caso antes da última palavra do verso). As 34 palavras estão igualmente distribuídas pelas duas estrofes (17 + 17).

A função substantiva (substantivos e pronomes - não existem no poema orações substantivas) atinge um alto índice (52,8% do total das palavras) e está igualmente distribuída, também, pelas duas estrofes:

	<u>S. (+Pr.)</u>		<u>S. (+Pr.)</u>	
1ª estrofe:	v.1 - 4		2ª estrofe:	v.1 - 2
	v.2 - 2 (+1)			v.2 - 2 (+2)
	v.3 - 1			v.3 - 2
	v.4 - 1			v.4 - 1
8 (+1)		+	7 (+2) = 9 = 18 = <u>52%</u>	
			das palavras.	

Os pronomes encontram-se nos segundos versos e os substantivos são todos concretos. Os números obtidos quanto à distribuição total das palavras e dos substantivos (+ pronomes) pelas duas estrofes dá uma sensação de equilíbrio. A alta percentagem dos substantivos revela uma visão fortemente concreta do universo do poema.

Dos 3 pronomes encontrados, 2 são relativos e ocupam ambos o 1º lugar do verso (o 2º de cada uma das estrofes); o outro é pessoal (1ª p. s.) e ocupa rigorosamente o centro da 2ª estrofe, com 8 palavras antes e 8 palavras depois dele. O 1º pronome relativo introduz duas orações adjectivas, o 2º introduz uma oração circunstancial.

A função adjectiva está representada por palavras e por orações relativas. Por sua vez, os adjectivos aparecem com várias categorias e funções. Assim:

	1ª est.	2ª est.		Total
. Adjectivos com função propriamente adjectiva (=atributos):	1(4ºv.)	+ 1(3ºv.)	= 2	} =4
. Adjectivos partic. presentes com função só adjectiva:	1(2ºv.)	+ 1(1ºv.)	= 2	
. Adjectivos com função predicativa:	0 -	+ 2(1º e 2ºv.)	= 2	
. Adjectivos participios com função verbal:				
- ptc. presente (sentido activo):	0 -	+ 1(3ºv.)	= 1	} =3
- ptc. passado (sentidopassivo):	1(3ºv.)	+ 1(2ºv.)	= 2	
. Orações com função adjectiva:	2*	+ 0	= 2	
(* coordenadas pela enclít. <u>-que</u> e ocupando o 2º e 3º versos)				

A função propriamente adjectiva (=atributiva), assumida por um adjectivo (participio ou não), ou por uma oração, é, pois, de 6 unidades, assim distribuídas:

	1ª estr.	2ª estr.	
Adject.	1	1	(Distribuição igual pelas duas estrofes)
Part.pres.	1	1	(Distribuição igual pelas duas estrofes)
Oração	2	0	
	4	+ 2	$= 6$

No total, a relação entre a 1ª e a 2ª estr. é de 2/1. A percentagem, proporcionalmente ao número total de palavras é de:

5,8% (adjects.)
 5,8% (part. presentes) } igualmente distribuídos pelas duas estrofes.
 5,8% (orações) - só na 1ª estrofe.
17,4% - Total; o que se traduz pela proporção $\frac{1 \text{ adj.}}{3 \text{ suclasf.}}$

Isto aponta para um uso do substantivo predominantemente desacompanhado de qualquer elemento que o caracterize, o que acrescenta à visão concreta e material sugerida pelo alto índice que a função substantiva atinge no poema um aspecto de generalização, de não individualização.

A função verbal é assumida por formas finitas e não finitas:

	1ª estr.	2ª estr.
Formas finitas	2(v.3) em orações subordinadas +	2(vv.1,4) respectivamente em oração princ.2 subord.
	Total = 4	
Formas não finitas	1(v.3)	+ 2(vv.2,3)=3

A sua distribuição pelas duas estrofes é bastante equilibrada, e a sua percentagem em vista ao número total de palavras é de 20,5%, mais baixa que metade da dos substantivos. Esta percentagem relativamente baixa, acrescida da própria natureza de alguns verbos (1v. sensitivo, 1 verbo cópula) ou da voz passiva que revestem (2) imprimem outra característica ao concretismo que domina o universo do poema. Só 3 verbos de acção não bastam para dinamizar esse universo, e a visão que resulta é predominantemente estática.

Vejamos agora como se articulam estes vários elementos dentro de cada estrofe do poema.

1ª Estrofe:

V.1 - A distribuição dos 4 substantivos que formam este verso resulta em 2 membros simétricos (articulados pela enclética *-que*: os substantivos em posição ímpar (1,3) determinam os substantivos em posição par (2,4), que se encontram em

vocativo. Sucede que esses vocativos (*custos*, *uirgo*), justamente por razão dos respectivos determinativos (*montium* e *nemorum*) e também pela íntima ligação estabelecida pela conjunção enclítica *-que*, apontam desde logo para a sua identificação entre si e com a deusa Diana). Porque em vocativo, sugerem desde logo que se trata de uma invocação à deusa.

Vv.2 e 3 – O 2ºv. abre por um dos dois pronomes relativos que a ode integra: *quae*. Esta forma é o nominativo do sing. feminino, e tem por antecedente o substantivo que ocupa o último lugar do verso anterior (*uirgo*); assim, é o sujeito de duas orações coordenadas estreitamente pela enclítica *-que* (v.3), que pela 2ª e última vez surge no texto. Essas duas orações desenvolvem-se por dois versos completos (2º e 3º). Como orações adjectivas que são, acrescentam atributos que ajudam a identificar a mesma *uirgo*. Assim, ela é a que, três vezes invocada (*uocata*), ouve as jovens em trabalho de parto e as arrebatava ao leito (de morte). As duas formas verbais finitas, predicados destas orações, são naturalmente de 2ª p.s., concordando com *tu*, implícito nos vocativos. Essa *uirgo* não pode ser senão Diana – como as orações relativas, no seguimento do 1º verso, dão a entender, e como, uma vez mais, se esclarece (agora, sem qualquer possibilidade de hesitação, no 4ºv., constituído pelo substantivo *diua* – trata-se, de facto, de uma "deusa" – e por um dos raros adjectivos atributos do poema (*triformis*), característico de Diana. No 2ºv., a colocação do complemento directo (*laborantes...puellas*), imediatamente a seguir ao sujeito, chama desde logo a atenção para esses poderes da deusa. Desta maneira, toda a estrofe constitui uma invocação a Diana, nunca nomeada, mas perfeitamente identificada através de perífrases, do primeiro ao último verso, numa progressão ascendente e inequívoca. A estrofe apresenta-se em forma fechada, desenvolvendo-se toda ela circularmente em volta da deusa, desde os vocativos iniciais, ao vocativo final.

2ª estrofe

A forma pronominal *ego*, de emprego raro (por isso mesmo, enfático), ocupa exactamente, como se viu, o centro da 2ª estrofe e contrasta com o pronome *tu*, implícito em toda a primeira. As personagens de primeiro plano são, desta sorte, *ego* (o poeta) e *tu* (Diana). O pronome *ego* junta a si um dos poucos adjectivos do texto (*laetus*), em posição imediatamente seguida à sua, formando os dois um conjunto bem sensível, sublinhado pela própria colocação – entre o particípio passado *exactos* e o substantivo com que concorda (*annos*). Esta oração não é, todavia, a principal: é uma subordinada relativa, circunstancial, introduzida pelo segundo pronome relativo do texto, colocado, tal como o primeiro, à cabeça do 2º verso. A função do pronome é a de complemento directo, também muito importante na oração. O predicado (*donem*) aparece no último verso e ocupa o fim da oração, do verso, da estrofe e do poema, colocação notoriamente enfática. Portanto: *ego* (o poeta) *donem* (oferta) *quam* (o pronome relativo, que inicia a oração e o 2º verso da estrofe). As posições

destes três elementos (sujeito, predicado, complemento directo) são, pois, todas elas de relevo e sublinham a importância da oração, que, sem ser formalmente a principal, o é, todavia, por outras razões: é a mais extensa do conjunto da ode e aquela em que o autor mais se compraz (*laetus*). O pronome relativo refere-se ao substantivo *pinus* (do verso anterior), que, por sua vez, é o sujeito da oração principal. E aqui temos o ele, que completa a trilogia pronominal pessoal: eu (o que fala), tu (a quem se fala), ele (de quem se fala). Trata-se da consagração de um *pinus* a Diana (*tuus esto*), *pinus imminens uillae* (*uilla*, sem dúvida, do poeta). Nem mesmo desta oração, que preenche o primeiro verso da estrofe, estão ausentes os principais actores. Mas o que verdadeiramente torna *laetus* o poeta é o cerimonial alegre, no fim de cada ano (*per exactos annos*), do sacrifício ritual do varrasco em honra da deusa - cerimonial referido ao longo dos três versos finais, enquanto a oração principal, embora à cabeça, ocupa um verso apenas. O varrasco (*verris*, v.3) do sacrifício (*sanguine*, v.4), tem a primeira posição no v.3. O verso é constituído por dois substantivos e dois adjectivos (em genitivo e acusativo, dois a dois). As quatro palavras estão em posição simétrica, quanto aos casos: genitivo, acusativo - genitivo, acusativo; mas em formação cruzada (quiasmática), quanto às categorias gramaticais: substantivo, adjectivo - adjectivo, substantivo; os substantivos são, pois, as palavras exteriores, que fecham dentro de si os adjectivos (as palavras interiores do verso). A categoria dos dois adjectivos é diferente, tal como a respectiva função. Assim, *obliquum* (2º lugar) é um adjectivo propriamente dito, com função normal de atributo (de *ictum*, 4º lugar); por seu turno, *meditantis* (3º lugar) é um adjectivo participio presente, a concordar com *ueris* (1º lugar) e tem função verbal transitiva, sendo o seu complemento directo *ictum*. Portanto, em esquema:

Subst. (gen.)/ adj. atrib. (ac.)/ adj. prt. presente (com função verb. (gen.)/ subst. (ac.))
 └──────────────────┬──────────────────┘
 função adjectiva função verbal

A extensão, a colocação e talvez sobretudo o arranjo meticuloso desta oração sublinham a sua importância e o valor que o poeta (*ego*) se atribui como um dos elementos principais do Universo do poema - a par da própria deusa que invoca (tu), presente em toda a estrofe inicial. O "ele" (*pinus*) não passa de um pretexto para uma pequena obra de arte, de um elo de ligação dos dois actores principais - o que é "exteriormente" manifesto na própria posição (e extensão) que ocupa a oração de que é sujeito: um verso só, justamente situado entre a estrofe (1ª) a que preside a deusa e os restantes versos da segunda, de que emerge, com segurança evidente, a imagem jovial do próprio poeta.